



A POÉTICA DA DOR QUE EU CULTIVO

THE POETICS OF THE PAIN THAT I CULTIVATE

Sandro Bottene¹
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo: O ensaio visual apresenta parte da série *Garoto-cacto*, identidade poética que se vincula a minha pesquisa em Poéticas sobre a experiência da dor. Para criar uma experiência sensitiva e emocional dolorosa, apropria-se de aréolas de espinhos de cactos que geram, por sua vez, tanto a visualidade da poética quanto a própria sensação desagradável no corpo. O resultado das ações corporais são imagens fotográficas que estabelecem uma estética de dor na arte contemporânea e a relação de subjetividade do artista.

Palavras-chave: Arte Contemporânea. Corpo. Dor. Subjetividade.

Abstract: *The visual essay presents part of the Garoto-cacto series, a poetic identity that is linked to my research in Poetics about the experience of pain. To create a painful sensitive and emotional experience, appropriates the areolas of cactus thorns, which in turn generate both the visuality of the poetic and the unpleasant sensation in the body. The result of the bodily actions are photographic images that establish an aesthetic of pain in contemporary art and the artist's relationship of subjectivity.*

Keywords: *Contemporary Art. Body. Pain. Subjectivity.*



Apresentação

Este ensaio visual apresenta parte da série *Garoto-cacto*, identidade poética que se vincula a minha pesquisa em Poéticas sobre a experiência da dor. Da relação entre dor e corpo, performatividade e subjetividade, propõe-se uma poética de arte contemporânea. Para criar a visualidade (que gera experiência sensitiva), apropria-se de aréolas de espinhos de cactos amarrados junto ao próprio corpo, sendo estes um elemento natural da planta espinhosa e que são capazes de proporcionar uma sensação de dor em contato com a pele no ato de espetar ao se prender à superfície do corpo. A referência do cacto provém da minha relação de artista com o ofício de cacticultor. A (in)visibilidade da sensação dolorosa se materializa através das ações corporais performadas. O uso da fotografia se deve, em especial, à aproximação da aparência do corpo biológico em si com a criação da imagem fotográfica na arte, ou seja, a fotografia se assemelha ao ato do nosso olhar diante de formas e cores que enxergamos no mundo exterior. O resultado são imagens fotográficas que incursionam modos de apresentação visual nos espaços expográficos.

A dor se constitui por uma dimensão biopsicossocial, ou seja, ela se caracteriza por uma dimensão biológica, psíquica e social. Para Byung-Chul Han (2021), a experiência da dor pode ser definida sob a ótica de quatro perspectivas: ela é uma *verdade*, tudo que é verdadeiro é doloroso; dor é *vínculo*, todo relacionamento dói; ela é *distinção*, marca os limites e destaca diferenças; e que dor é *realidade*, percebemos a realidade na resiliência que dói. A partir desse entendimento, criam-se proposições corporais que levam à experiência da subjetividade da dor por meio do próprio corpo.

Pensar a dor, na pesquisa em artes visuais, me fez partir das considerações de Jean Lancri (2002) e a apologia à claudicação, que significa deslize, coxear ou capengar. Num quadro clínico mais comum é quando um paciente precisa parar diversas vezes ao caminhar para se recuperar da dor, pois acaba apoiando-se com mais frequência em uma das pernas. O autor diz que a claudicação é uma virtude do pesquisador em artes plásticas e ela não seria nada mais do que outra maneira de nomear a posição mediana. A arte se insere a meio caminho no deslizamento entre a razão e o conhecimento científico. Ao passo de uma espetada à hesitação da experiência dolorosa materializa-se a claudicação, que também significa imperfeição, deficiência, pequena falha ou vacilo.

Ao abordar a experiência de dor, conseqüentemente, estabeleço uma relação mútua com o corpo. Desse modo, quando Giorgio Agamben (2009) menciona que o poeta (enquanto contemporaneidade) e o seu tempo (fratura das vértebras e do dorso quebrado) encontram-se impedidos de se compor, entende-se que a sensação dolorosa é algo inerente do indivíduo e de sua vida, a qual se conecta a um tempo. A fratura de um osso do corpo sinaliza dor e partindo da ideia do autor, conforme a sua metáfora, acaba por gerar essa impossibilidade do contemporâneo que é, justamente, de perceber o presente.

A dor é uma experiência emocional e subjetiva. E a construção da subjetividade do corpo leva em conta diversos aspectos. No que diz respeito a tal pensamento, elenco o ato performativo descrito por Judith Butler (2018) como atos constitutivos de uma identidade instituída através da repetição de atos. As ações performadas com/pelo meu próprio corpo constrói minha subjetividade enquanto indivíduo e artista, simultâneo à criação das obras.

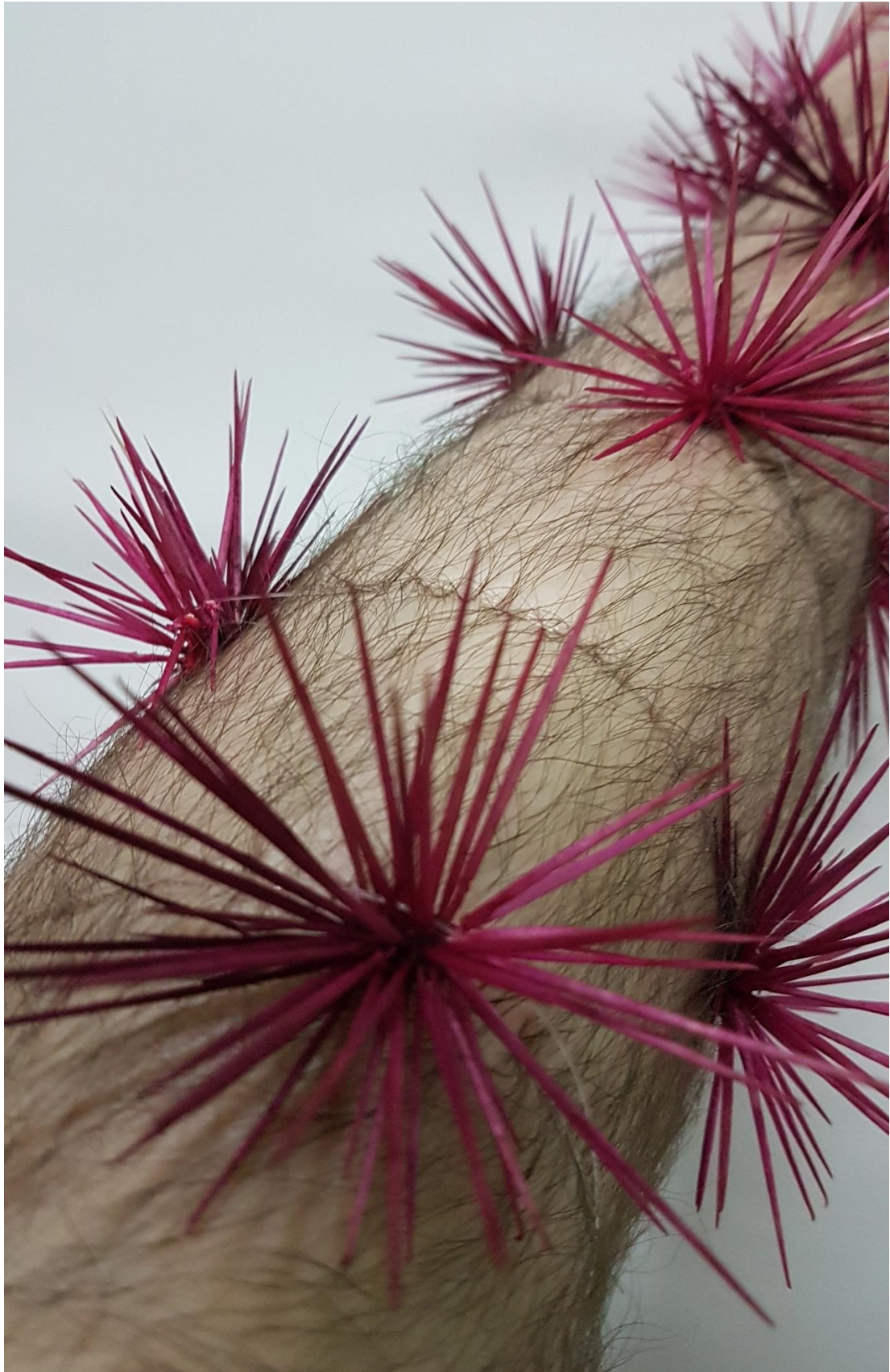


Imagem 1. Sandro Bottene, Sem título – Dolor Studium (Série Garoto-cacto),
Fotografia Digital, dimensões variáveis, Seberi, RS, 2021.
Foto: Sandro Bottene, 2021.



Imagem 2. Sandro Bottene, Sem título – Dolor Studium (Série Garoto-cacto),
Fotografia Digital, dimensões variáveis, Seberi, RS, 2021.
Foto: Sandro Bottene, 2021.



Imagem 3. Sandro Bottene, Sem título – Dolor Studium (Série Garoto-cacto),
Fotografia Digital, dimensões variáveis, Seberi, RS, 2021.
Foto: Sandro Bottene, 2021.



Imagem 4. Sandro Bottene, Sem título – Dolor Studium (Série Garoto-cacto),
Fotografia Digital, dimensões variáveis, Seberi, RS, 2021.
Foto: Sandro Bottene, 2021.



Imagem 5. Sandro Bottene, Sem título – Dolor Studium (Série Garoto-cacto),
Fotografia Digital, dimensões variáveis, Seberi, RS, 2021.
Foto: Sandro Bottene, 2021.



Imagem 6. Sandro Bottene, Sem título – Dolor Studium (Série Garoto-cacto),
Fotografia Digital, dimensões variáveis, Seberi, RS, 2021.
Foto: Sandro Bottene, 2021.



Imagem 7. Sandro Bottene, Sem título – Dolor Studium (Série Garoto-cacto),
Fotografia Digital, dimensões variáveis, Seberi, RS, 2021.
Foto: Eduarda Olechak, 2021.



Imagem 8. Sandro Bottene, Sem título – Dolor Studium (Série Garoto-cacto),
Fotografia Digital, dimensões variáveis, Seberi, RS, 2021.
Foto: Eduarda Olechak, 2021.



Imagem 9. Sandro Bottene, Sem título – Dolor Studium (Série Garoto-cacto),
Fotografia Digital, dimensões variáveis, Seberi, RS, 2021.
Foto: Sandro Bottene, 2021.



Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre a fenomenologia e teoria feminista. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. *Caderno de Leituras* (Edições Chão da Feira), n. 78, p. 1-16, jun. 2018. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno78>. Acesso em: 9 mai. 2024. Título original: Performative acts and gender constitution: an essay in phenomenology and feminist theory.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade paliativa: a dor de hoje*. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

LANCRI, Jean. Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na universidade. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 15-33. (Coleção visualidades; 4)

Notas

¹ Doutorando em Artes Visuais no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com ênfase em Poéticas Visuais, Linha de Pesquisa Arte e Transversalidade, com Bolsa CAPES. Participante do Laboratório de Arte e Subjetividades (LASUB – CNPq/UFSM). E-mail: sandro.bottene@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5979-3138>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9367634204406259>.